

O “Moderno Príncipe Conservador”*: o MBL e o novo projeto político da direita brasileira

*El “Príncipe Moderno Conservador”:
el MBL y el nuevo proyecto político de la derecha brasileña*

*The “Modern Conservative Prince”:
the MBL and the new political project of the Brazilian right*

*Marcos Vinícius Pansardi***

Resumo

O artigo analisa o novo movimento conservador –tendo como objeto central o Movimento Brasil Livre (MBL)– surgido no Brasil a partir das manifestações de junho de 2013, procurando relacionar este movimento com a crise do pacto de classes construído pelo Partido dos Trabalhadores (PT). Compreendendo este período com o conceito de Revolução Passiva, salienta-se a dialética restauração-revolução no projeto de construção de uma nova forma de Estado (neodesenvolvimentista).

Palavras chave: Movimento Brasil Livre (MBL), Revolução Passiva, conservadorismo, internet e política.

Resumen

El artículo analiza el nuevo movimiento conservador –teniendo como objeto central el Movimiento Brasil Libre (MBL)– que surgió en Brasil a partir de las manifestaciones de junio de 2013. Este movimiento se relaciona con la crisis del pacto de clases construido por el Partido de los Trabajadores (PT). Este periodo se comprende con el concepto de Revolución Pasiva. Se destaca la dialéctica restauración-revolución en el proyecto de construcción de una nueva forma de Estado (neodesarrollista).

Palabras clave: Movimiento Brasil Libre (MBL), Revolución Pasiva, conservadurismo, internet y política.

* Uso este termo de forma livre, sem a precisão conceitual adequada, pois gostaria de salientar o caráter “cultural-político” destes movimentos que não têm a busca do poder estatal como objetivo principal. Buscam romper com a hegemonia da esquerda através de um embate no campo da sociedade civil. Gramsci, via de regra, é o alvo central de suas críticas (mais do que Marx), mas também é fonte de inspiração para suas estratégias políticas. O conceito do “Moderno Príncipe” foi desenvolvido particularmente no Caderno 13 (xxx), pp. 1-2 (Gramsci, 1986).

** Pesquisador do Instituto Federal do Paraná, Paraná, Brasil. E-mail: <mvcp@hotmai.com>.

Abstract

The article analyzes the new conservative movement –having as its central object the Free Brazil Movement (MBL)– that emerged in Brazil from the mobilizations of June 2013. Looking to relate this movement with the crisis of the class pact built by the Workers' Party (PT). This period is known as the Passive Revolution, it is sought to emphasize the dialectic restoration-revolution in the project of a new form of State (neo-developmentalism) stands out.

Keywords: Free Brazilian Movement (MBL), Passive Revolution, conservatism, internet and politics.

Introdução: a dialética da modernização conservadora em tempos de internet

Na América Latina tudo nos diferencia, mas muito nos une. O período pós-ditaduras, que dominou o continente nos anos 60 e 70, se caracterizou por movimentos que oscilaram entre polos progressistas e conservadores. Do neoliberalismo dos anos 80-90 passamos para os governos reformistas de esquerda no início do século XXI e deles para os atuais governos conservadores. Este período democrático que vivemos traz interessantes novidades para velhas práticas. Das políticas norte-americanas para a América Latina para a ação das elites dominantes, este período tem se mostrado desafiador.

Na dialética restauração-conservação, até os velhos golpes de Estado se travestiram nas novas democracias latino-americanas. Foi criada a figura do “golpe constitucional-democrático”, um mecanismo que permite derrubar presidentes eleitos pelo voto popular, que ousaram promover reformas sociais, ainda que tímidas, através de dispositivos legais instrumentalizados por parlamentares e juizes, com amplo apoio da mídia e do empresariado local. Manuel Zelaya, Fernando Lugo e Dilma Rousseff foram retirados do poder por estes mecanismos.

Particularmente no caso brasileiro, este processo foi acompanhado por um forte movimento de desqualificação e de confronto com o governo de Dilma Rousseff e do Partido dos Trabalhadores (PT). Neste período surgiram movimentos que capitanearam a insatisfação popular e que trouxeram características inéditas na política brasileira. Pela primeira vez na história brasileira temos um movimento de massa ao mesmo tempo conservador e juvenil. Movimentos que se construíram fora das tradicionais instituições políticas brasileiras, construídos no novo *locus* da política pós-moderna: a internet.

Os governos do Partido dos Trabalhadores e a Revolução Passiva

Os governos democráticos pós-ditadura militar no Brasil se caracterizaram pela incapacidade da burguesia de produzir governos estáveis e duradouros a partir de

elementos ou partidos claramente identificados com a sua classe. Desde a aventura do governo Fernando Collor (1990- 1992) até o governo de Fernando Henrique Cardoso (1995-2002) a burguesia teve que conviver com a crescente oposição da classe trabalhadora às suas políticas, assim como não conseguiu promover um projeto de desenvolvimento econômico satisfatório. Apenas com os governos de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010) estes dois objetivos foram atingidos.

Os governos liderados pelo Partido dos Trabalhadores são vistos pelos estudiosos do período, mais como uma continuidade do que como uma ruptura, em relação aos governos neoliberais acima citados. Estas interpretações¹ caracterizam os governos Lula como uma aliança reformista que aliou elementos de progresso social com a conservação de estruturas político-econômicas retrógradas, promovendo uma aliança entre as classes burguesas e as trabalhadoras em um projeto nacional de desenvolvimento na periferia capitalista (neodesenvolvimentismo).

Interpreto este período a partir do conceito de Revolução Passiva.² Assim, assistimos a passagem de um período histórico em que os trabalhadores estão excluídos do bloco do poder e suas reivindicações são reprimidas pelo governo, para outro em que estes são incorporados ao bloco do poder, ainda que de forma subordinada, e têm, ainda que de maneira limitada, suas reivindicações atendidas. A partir desta incorporação temos a passagem de um Estado essencialmente neoliberal para outro predominantemente desenvolvimentista (mesmo com elementos neoliberais), ou seja, a passagem de uma forma de Estado a outra.

Este projeto começou a ruir ao longo do primeiro governo de Dilma Rousseff (2011-2016). Nos primeiros anos de seu mandato, vários interesses da burguesia brasileira foram satisfatoriamente atendidos. Contudo, o cenário começou a mudar com o avanço da crise financeira mundial. Diante deste cenário as ações erráticas do governo criaram um crescente descontentamento no mundo empresarial. Por outro lado, os trabalhadores também demonstravam seu descontentamento, ampliando o número de greves e pressionando o governo pela ampliação das políticas públicas e direitos sociais. Ficava claro que a política de atender trabalhadores sem afetar o lucro empresarial não podia ser mais sustentada e o pacto de classes tinha chegado ao seu fim (Bastos, 2017).

¹ Assim interpretam autores como Armando Boito Jr. (2012), Bresser-Pereira (2003) e André Singer (2009), entre outros.

² O uso do conceito de Revolução Passiva para descrever a realidade nacional contemporânea não é consenso entre autores brasileiros de filiação gramsciana, contudo esta leitura tem seus defensores, consulte-se, por exemplo, Carlos Nelson Coutinho (2010) e Luiz Werneck Vianna (2006). Em Gramsci (1986), veja-se principalmente o Caderno 15 (ii).

A campanha para as eleições presidenciais de 2014 viu o Partido dos Trabalhadores radicalizar o discurso contra as “elites”. Esta campanha selou a unificação do empresariado na oposição ao governo eleito. A resposta de Dilma Rousseff foi uma guinada conservadora, incorporando boa parte da agenda empresarial; contudo, este movimento não foi o suficiente para recuperar o prestígio do governo frente ao empresariado e ainda fez desmoronar boa parte do apoio popular ao governo.

É sob o signo da crise e ruína deste projeto que devemos entender os acontecimentos posteriores, desde o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff até a ascensão dos movimentos conservadores, como o MBL.³

As origens: as “Jornadas de Junho”

Em junho de 2013 o Brasil foi sacudido por uma sequência de manifestações de rua que tinham como objetivo protestar contra a baixa qualidade dos serviços prestados pelo Estado, pela ampliação de direitos e por uma difusa pauta de interesses localizados. O propulsor inicial dos movimentos foi a questão do transporte urbano, o aumento de tarifas e a persistente baixa qualidade destes serviços. Neste processo se destacou um movimento popular chamado Movimento Passe Livre (MPL), um grupo organizado nacionalmente e hegemônico pela esquerda.

Os primeiros estudos sobre as manifestações de junho, em geral, destacam o caráter progressista destas jornadas, a capacidade dos movimentos de esquerda, principalmente o MPL, de capitanear o sentimento de revolta da população (Silva, Pereira e Silva, 2016).

Este movimento, no entanto, foi acompanhado pela grande imprensa com o seu receituário habitual: em um primeiro momento a sua existência foi ignorada, para em um segundo momento ser demonizado sob as expressões de “vândalos” e “baderneiros”. Contudo, o movimento, para surpresa destes órgãos, foi adquirindo uma forte e crescente simpatia popular, estimulado de maneira indireta pela forte repressão policial que atingiu não apenas os militantes do movimento (em geral jovens estudantes), mas também os próprios jornalistas da grande imprensa.

Neste momento, a cobertura jornalística se vê na condição de reconhecer a legitimidade do movimento. Nos dias que se seguem, a participação popular alcança a casa dos

³ Este movimento conservador não surgiu do nada. Existem raízes mais profundas que abriram espaço para as transformações culturais em curso. Em um artigo de 1978, Roberto Schwarz defendeu a ideia de que houve um fenômeno contraditório depois do Golpe de 1964, tivemos um período de afirmação de uma hegemonia cultural da esquerda. Contudo, já a partir do final dos anos 80, com a expansão do pensamento neoliberal no Brasil e no mundo, passamos a ter progressivamente uma guinada cultural conservadora (Brasilino, 2012).

milhões, realizando-se manifestações em centenas de cidades brasileiras. O movimento torna-se complexo, ampliando muito suas pautas, incluindo agora diversos setores da sociedade brasileira. As críticas diretas ao governo que começaram tímidas se ampliam. Pautas conservadoras, como a da intervenção militar, começam a aparecer.

Pela primeira vez no Brasil temos uma movimentação popular de massa que elencava pautas contraditórias: progressistas e conservadoras, que colocava em um mesmo espaço uma conhecida militância de esquerda e uma inusitada militância de direita.

As pesquisas de opinião realizadas naquele momento revelavam um forte apoio às mobilizações, mas uma grande rejeição ao uso da violência pelos manifestantes (Calgaro, 2013).

Começa a ser construída pela grande imprensa uma distinção entre dois movimentos: aqueles que protestam, mas pregando a não-violência, a paz, a ordem e o respeito às instituições, e um outro, caracterizado por ser apologista da violência e da agressão à propriedade privada, será estereotipado como “*black blocs*”. É nesse contexto que começaram a aparecer movimentos que centrarão sua pauta no tema da corrupção do governo Dilma e tendo como objetivo máximo o *impeachment* da presidente. Novas manifestações continuarão ocorrendo nos anos seguintes, contudo, um novo caráter será associado a estes movimentos, suas pautas passarão a ser crescentemente hegemônicas pela direita.⁴

O perfil dos manifestantes que invadem as ruas brasileiras permite compreender o alcance das pautas conservadoras. Uma pesquisa realizada pelo Instituto Datafolha no dia 13 de março de 2016, em São Paulo, revelou que a maioria dos participantes eram homens (57%); em relação à escolaridade, 77% possuem ensino superior completo, e 82% dos manifestantes estão inseridos na População Economicamente Ativa (PEA), situando-se na faixa etária média de 45,5 anos de idade (Machado Barbosa, 2017). Em resumo, os manifestantes são essencialmente de classe média. Os trabalhadores de baixa renda não se sentiram sensibilizados pelas pautas liberais.

É essa mesma classe que foi a base de sustentação do PT ao longo da sua história. Em realidade, mais do que um partido de trabalhadores manuais, o partido se estruturou sobre uma ampla gama de trabalhadores não-manuais, como bancários e funcionários

⁴ O movimento “Vem Pra Rua” (VPR) aparece na cena política já em setembro de 2013, após os protestos de junho terem afluído. O “Movimento Brasil Livre” (MBL) nasce em novembro de 2014, logo após o fim do segundo turno das eleições presidenciais de 2014, que deram a vitória a Dilma Rousseff sobre o opositor Aécio Neves do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). Surgem vários outros grupos neste período como o “Revoltados Online” e o “Avança Brasil” (estes mais identificados com a pauta da intervenção militar).

públicos. Foi André Singer, em um trabalho que procurava desvendar as bases sociais do petismo e do lulismo, que demonstrou que historicamente a base eleitoral do PT era a classe média e que o partido tinha uma menor penetração na classe trabalhadora. Esta situação só mudaria em 2006, ano da reeleição de Lula: neste momento há uma inversão da base eleitoral, pois o PT passa a ter um amplo apoio popular, principalmente no nordeste, mas, em compensação, perdia apoio na classe média. Para este autor, os escândalos de corrupção, chamados de “mensalão”, romperam a confiança desta classe com o partido. À medida que o governo ampliava seus programas sociais destinados aos setores populares paralelamente ocorria um achatamento de renda das camadas médias gerando maior frustração deste setor (Singer, 2009).

A crise econômica mundial, que atingiu em cheio o período do governo Dilma, fez cair as receitas da exportação brasileira de *commodities*. Além de promover a queda do poder de compra da população e restringir os gastos estatais, a crise atingiu fortemente o poder de compra da classe média, significando a fratura definitiva entre esta classe e o governo petista.

Aqui é importante ressaltar uma característica fundamental da nossa classe média: a meritocracia. Para esta classe, os ganhos sociais dos setores populares ameaçavam seu *status quo* e assim seus privilégios hierárquicos. Florestan Fernandes observou este posicionamento em outros momentos de nossa história, afirmou que: “à medida que os interesses, as posições e as formas de solidariedade das classes altas e médias se viram ameaçadas pela classificação, mobilidade social e violência dos setores assalariados, pobres ou despossuídos, passou-se da conciliação para o endurecimento” (Fernandes, 1973).

A repulsa em relação às políticas sociais do governo para com os pobres e as minorias fica evidente em pesquisa realizada com os manifestantes *pró-impeachment*. Para estes, o principal problema do país é a corrupção e não a questão da saúde ou da educação, como tradicionalmente aparecia nestas pesquisas. A maioria entrevistada é contra as políticas de inclusão social, como a Bolsa Família (77,8%). Eles acreditam que os beneficiados por programas sociais “se tornam mais preguiçosos”, 37% defende que minorias sociais como negros, mulheres e homossexuais têm direitos demais no Brasil e que, portanto, as cotas raciais deveriam ser extintas (70,1%). A presença de médicos cubanos também é contestada por 70,7% (Telles, 2016).

Uma análise das dissertações de mestrado e teses de doutorado disponíveis no Banco de Teses da CAPES mostra a produção de 22 trabalhos sobre as Jornadas de Junho e sobre a participação do MPL, mas apenas duas sobre o MBL. Contudo, enquanto o MPL desapareceu da cena política brasileira, o MBL –o mais importante destes grupos–, ao contrário, tem se tornado cada vez mais uma peça chave no atual cenário *pós-impeachment*.

Assim, pouco se sabe sobre as possíveis causas da emergência, o êxito e a manutenção destes movimentos conservadores (Machado Barbosa, 2017). Mas o MBL tem sido pauta constante do jornalismo brasileiro, e várias reportagens têm buscado elucidar suas origens e objetivos.

Exportando o conservadorismo, ou das bases militares aos *Think Tanks*: a política dos Estados Unidos e as novas democracias latino-americanas

As primeiras reportagens da imprensa sobre o MBL constroem a imagem de um grupo de jovens modernos e idealistas, politizados e preocupados com os destinos do país. Não faltam analogias com bandas de rock e com estrelas da cultura pop (Martín, 2014). Nestas primeiras reportagens o grupo se esforçava para construir uma imagem a ser vendida ao seu público-alvo: os jovens e os trabalhadores recentemente politizados nas Jornadas de Junho. São modernos, alegres, “descolados”, do tipo que se encontra em um show de rock ou numa “balada”. São indignados com a corrupção e os rumos que o país estava tomando. Surgiram e se organizaram espontaneamente através dos canais da internet. São trabalhadores, andavam de ônibus e metrô, não pertenciam às elites econômicas ou políticas. São conservadores e liberais certamente, mas não eram originários das estruturas tradicionais da política brasileira. Seu movimento era financiado por centenas de pequenos doadores voluntários e de alguns empresários conscientes. É assim que o grupo se define segundo um dos seus líderes, Renan Santos: “Este não é um movimento da elite, é uma revolução de quem trabalha e paga impostos, do pipoqueiro ao cara da classe média tradicional” (Martín, 2014).

Mas as mesmas reportagens já questionavam esta autoimagem, pois a origem do MBL, como dos outros grupos de jovens conservadores, tinha raízes mais longínquas temporalmente e apenas circunstancialmente se relacionavam com a corrupção do governo petista.

As investigações que se seguiram ao surgimento destes movimentos conservadores começaram a clarear suas origens mais profundas. A mitologia que o MBL tenta criar para si não resiste às análises mais superficiais.

A narrativa do surgimento do MBL é dada por Juliano Torres, o diretor executivo do “Estudantes Pela Liberdade” (EPL):

Os membros do EPL podem participar como pessoas físicas, mas não como organização para evitar problemas. Aí a gente resolveu criar uma marca, não era uma organização, era só uma marca para a gente se vender nas manifestações

como Movimento Brasil Livre. Então juntou eu, Fábio [Ostermann], juntou o Felipe França, que é de Recife e São Paulo, mais umas quatro, cinco pessoas, criamos o logo, a campanha de Facebook. E aí acabaram as manifestações, acabou o projeto. E a gente estava procurando alguém para assumir, já tinha mais de 10 mil likes na página, panfletos. E aí a gente encontrou o Kim [Kataguirí] e o Renan [Haas], que afinal deram uma guinada incrível no movimento com as passeatas contra a Dilma e coisas do tipo. Inclusive, o Kim é membro da EPL, então ele foi treinado pela EPL também. E boa parte dos organizadores locais são membros do EPL. Eles atuam como integrantes do Movimento Brasil Livre, mas foram treinados pela gente, em cursos de liderança (Amaral, 2015).

Em realidade, já é notório que o surgimento do grupo está ligado a esta organização chamada “Estudantes Pela Liberdade” (EPL), que nada mais é do que uma parceira brasileira da “Students for Liberty”. Na sua página na internet (www.epl.org.br), esta ONG ostenta o grupo “Atlas Network” como um dos seus apoiadores. Esta organização tem como incumbência principal a criação de *think tanks* liberais pelo mundo afora, buscando fomentar a criação de jovens lideranças liberais para influir nas políticas locais de seus países. A rede mundial chega a 450 *think tanks* parceiros. Seu financiamento vem de várias fontes privadas, mas também fontes públicas ligadas ao governo norte-americano, como o Departamento de Estado e o “National Endowment for Democracy” (Fundação Nacional para a Democracia –NED) (Amaral, 2015).

No caso específico da América Latina, a Atlas construiu uma rede de 80 *think tanks* espalhados pelo continente, sendo que o Brasil é o maior caso de sucesso do grupo, tendo 13 organizações parceiras (Fang, 2017). Este número já é maior que a quantidade de bases militares ou operacionais que os Estados Unidos mantêm na América Latina (Ares e Mares, s/f).

Entre os Modernos Príncipes conservadores estão o *Movimiento Cívico Nacional* (MCN) na Guatemala, *Libertad y Desarrollo* no Chile, o *Instituto Liberal* e o *Instituto Millenium* no Brasil, a *Fundación Friedrich Naumann para la Libertad* no México, a *Fundación Eléutera* de Honduras, o *Centro para la Apertura y el Desarrollo de América Latina* (CADAL) na Argentina e no Uruguai, e o *Centro de Divulgación del Conocimiento Económico para la Libertad* (CEDICE Libertad) na Venezuela. Deles surgem os *Pop Stars*, ou os intelectuais orgânicos da direita, como Gloria Álvarez na Guatemala, Axel Kaiser no Chile, Agustín Laje e Nicolás Márquez na Argentina, Rodrigo Constantino, Fábio Ostermann, Kim Kataguirí no Brasil, Juan Carlos Hidalgo e Natalia Díaz Quintana na Costa Rica, entre outros (Pavón Cuéllar, 2017).

A divulgação dos ideais liberais e conservadores nas terras brasileiras e latino-americanas se baseia nas experiências bem-sucedidas na luta contra as políticas de bem-estar no continente europeu e nos Estados Unidos.

O MBL e seus grupos irmãos não nasceram da revolta contra a corrupção do governo, não são frutos de uma ação espontânea e idealista, mas sim de um plano bem arquitetado por elites empresariais e pelo governo norte-americano, seu objetivo corresponde a uma guinada na estratégia para manter a dominação burguesa nas sociedades pós-ditatoriais latino-americanas. É necessário refazer discursos e práticas em um momento em que golpes militares já não estão na ordem do dia. Os novos exércitos enviados contra os governos de esquerda já não são de militares e sim de jovens “descolados” que pregam paz e amor, liberação das drogas e liberdade sexual, o livre mercado e as privatizações, o individualismo, o egoísmo, tudo embalado ao som de muito “rock and roll”. São a nova “contra-cultura” do livre mercado, são os protagonistas de uma “Revolta Pop” a favor do sistema e do *establishment*.

É como um retorno à época da Operação Condor, mas os métodos mudaram. Os generais e coronéis cederam lugar a jovens aparentemente inofensivos. Agora devemos lidar com personagens pós-modernos, confusos, equivocados e evasivos, geralmente com grandes carências intelectuais, mas com um rico arsenal de táticas político-empresariais e truques ideológico-publicitários como os que aprendem em seus *think tanks* (Pavón Cuéllar, 2017).

Um projeto gramsciano de direita: a guerra cultural

As manifestações de 2013, não apenas colocaram novos personagens em cena da política brasileira, mas também deslocaram a luta política para as ruas das grandes e pequenas cidades como também apontaram um novo canal de comunicação e organização política: a internet. A televisão, a rádio e a mídia impressa deixaram de ser os principais veículos de informação e entretenimento para uma grande parcela da população brasileira.

Assim, pesquisa feita pelo Ibope em 2015, traduz em números esta afirmação. Cerca de 50% da população tem acesso à internet. A faixa etária que mais utiliza este veículo são os jovens. Cerca de 65% dos jovens na faixa de 16 a 25 anos se conectam todos os dias durante cerca de 5 horas. As redes sociais preferidas são o *Facebook* (83%), o *WhatsApp* (58%) e o *YouTube* (17%). Apenas 7% leem jornais diariamente. A televisão, contudo, mantém uma audiência diária de 73% (Viana, 2015).

O uso da internet como principal meio de organização, mobilização e informação política, resulta não apenas do avanço tecnológico, mas também da descrença generalizada da população dos meios tradicionais pelos quais se faz e se acompanha a política. A crise não é apenas do PT e da esquerda, ou do Estado e da democracia. A descrença atinge os políticos e os partidos tradicionais em geral, do sistema jurídico, das universidades, dos sindicatos, das ONGS, dos movimentos sociais e também dos veículos tradicionais da imprensa. A maior empresa de comunicação brasileira, a

rede Globo, é atacada pela esquerda e pela direita. O único meio da grande imprensa ainda tratado com crédito (pelo menos pela direita) é a revista conservadora *VEJA*.

Sem os meios tradicionais de informação a descrença absoluta criou o seu oposto, a verdade absoluta. A polarização política criada pelo processo de *impeachment* entre uma parcela da população recém-convertida ao liberalismo conservador e a esquerda tradicional não permite a existência de dúvidas, de nuances e de relativismos. A falta de instituições confiáveis tornou dispensáveis os mecanismos da prova, da verificação das fontes, da apuração dos fatos e do contraditório. É a batalha entre os deuses de que falava Weber, do bem contra o mal, sendo o bem e a verdade tudo aquilo que confirma a minha causa.

Em pesquisa com manifestantes, Pablo Ortellado (USP) compreendeu a lógica da comunicação da internet, segundo ele: “É como se a utopia do faça você mesmo, do seja você mesmo, a mídia dos movimentos de comunicação alternativa tivesse se convertido no seu oposto, num pesadelo no qual as pessoas se informam para reforçar ideias preconcebidas, sem verificar os fatos, sem escutar o outro lado e, sobretudo, sem refletir” (Firmino Casasanta, 2016).

Entre os entrevistados, 26,6% dos manifestantes disse confiar “muito” nos conteúdos compartilhados via *WhatsApp*. O índice de confiança do *Facebook* é de 47,3% (Viana, 2015).

A luta cultural, ou a guerra cultural, como eles preferem, é o seu instrumento de ação. Forjados no discurso virtual, o MBL e seus parceiros construíram um discurso tão simples como irreal, baseado em elucubrações e puras e simples mentiras. Acostumados a fazer denúncias e afirmações sem fornecer as fontes originais. Pegos em contradição ou questionados sobre a veracidade de suas informações, respondem usando a truculência verbal e visual e não raramente difamando seus interlocutores sobre a pecha de comunistas ou petistas (Betim, Rossi, Segalla, 2017).

Para o MBL, o PT é um partido comunista que quer transformar o Brasil numa nova Cuba ou Venezuela, projeto comum de todos os partidos e organizações ligados ao Fórum de São Paulo. O PT dividiu o país entre negros e brancos, mulheres e homens, ricos e pobres, trabalhadores e empresários (ao contrário, o MBL quer unir o país em uma única pátria, um único povo). Fazendo uma política populista irresponsável, o PT criou e sustentou políticas sociais que tinham como objetivo final comprar os votos de uma massa de ignorantes e pobres esfomeados. A classe média, os trabalhadores e os empresários sustentaram este projeto delirante.

Para além do discurso anticomunista, o MBL desenvolve uma retórica radicalmente liberal nos campos econômico, político e social, que não encontra eco nos partidos

brasileiros autodenominados liberais. Não surpreende, portanto, suas afirmações sobre a não existência de um verdadeiro partido liberal no Brasil e que, o objetivo fundamental do movimento é semear os partidos conservadores (e a sociedade em geral) com o ideário liberal. Para isso é necessário oxigenar os velhos partidos de direita com uma vibrante e jovem massa crítica intelectual.⁵

As propostas do MBL fariam Von Mises levantar do túmulo de alegria. O receituário é ultra-liberal sem nenhuma concessão ao intervencionismo ou ao populismo nacional. Assim, como exemplo, temos propostas que apontam o fim de todas as cotas sociais, a privatização de todas as estatais, o fim dos bancos estatais, a militarização das escolas das periferias, o controle privado da educação através do sistema de *vouchers*, o controle estrangeiro sobre a imprensa, o fim do conceito social da propriedade, permite-se que o empregado abdique de seus direitos se assim lhe aprouver, propõe-se privatizar a saúde e permitir o seu controle por empresas estrangeiras.⁶

No entanto, apesar do seu conservadorismo político, a população brasileira não simpatiza com o ideário da privatização e do Estado mínimo, sendo forte defensora do papel do Estado como produtor de políticas sociais (Singer, 2009). Esta tese de André Singer foi amplamente corroborada na pesquisa realizada por Pablo Ortellado e Esther Solano durante a manifestação de 16 de agosto de 2015 em São Paulo, apontando que 95% dos manifestantes era a favor de sistemas de saúde e educação públicos e gratuitos. Também defendia o transporte coletivo gratuito 49% dos entrevistados (Firmino Casasanta, 2016).

Outra barreira para a vitória das teses do MBL é a visão corrente da população de que estas políticas nada mais são do que uma artimanha para favorecer as camadas mais ricas da sociedade. Assim, é particularmente importante que o MBL esconda suas filiações à grandes corporações internacionais, sustentadas com o dinheiro de milionários como os irmãos Koch.

Conclusão

Uma reportagem que tornou pública conversas das lideranças do MBL revelou o projeto político mais profundo do grupo (após a derrubada da presidente Dilma, objetivo factual desde sua origem) (Abbud, 2017): a criação de uma aliança entre as lideranças políticas mais modernas (jovens), principalmente do PSDB, com os partidos tradicionais, como o DEM e o PMDB (do atual presidente Temer), adicionando-se ainda os setores

⁵ Consultar “Manual de Filiais do MBL” (Movimento Brasil Livre, 2015a).

⁶ Consultar “Propostas aprovadas no Primeiro Congresso Nacional do Movimento Brasil Livre em novembro de 2015” (Movimento Brasil Livre, 2015b).

modernos da economia, principalmente o agronegócio e os setores populares controlados pelas conservadoras igrejas evangélicas.

O MBL quer ser a ponte entre a classe média, lideranças jovens (que o grupo acredita ser o porta-voz) e o empresariado e os setores populares. A inclusão dos setores populares evangélicos explicaria a guinada moralista do grupo visto nas últimas semanas (ataques a exposições com suposto caráter gay e pedófilo Brum, 2017). Acreditam que um projeto, a longo prazo, só pode ser conseguido com a renovação dos discursos e das práticas tradicionais. Na luta contra a corrupção nunca foi o objetivo final.⁷

Bibliohemerografia

- ABBUD, Bruno (2017), “O grupo da mão invisível: dois meses de conversas no WhatsApp do MBL”, em *Revista Piauí*. Dirección URL: <<http://piaui.folha.uol.com.br/o-grupo-da-mao-invisivel/>>.
- AMARAL, Marina (2015), “A nova roupa da direita”, em *Agência Pública*. Dirección URL: <<https://apublica.org/2015/06/a-nova-roupa-da-direita/>>.
- ANTUNES, Cláudia (2017), “Tea party à brasileira. Um debate com a nova direita”, em *Revista Piauí*. Dirección URL: <<http://piaui.folha.uol.com.br/materia/tea-party-a-brasileira/>>.
- ARES E MARES (s/f), “13 bases norte-americanas próximas do Brasil...”, em *Ares e Mares*. Dirección URL: <<http://www.aresmares.com/index.php/noticias/13-bases-norte-americanas-proximas-do-brasil/>>.
- BASTOS, Pedro. P. Z. (2017), “Ascensão e crise do governo Dilma Rousseff e o golpe de 2016: poder estrutural, contradição e ideologia”, em *Revista de Economia Contemporânea*, núm. esp.
- BETIM, Felipe, Marina ROSSI, Vinícius SEGALLA (2017), “De liberais anticorrupção a guardiões da moral: a metamorfose do MBL”, em *El País*. Dirección URL: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/26/politica/1506459691_598049.html>.
- BOITO Jr., Armando (2012), “As bases políticas do neodesenvolvimentismo”, em *Repositorio digital FGV*. Dirección URL: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/16866>>.
- BRASILINO, LUÍS (2012), “Novas expressões do conservadorismo brasileiro”, em *El País*. Dirección URL: <<http://diplomatique.org.br/novas-expressoes-do-conservadorismo-brasileiro/>>.

⁷ Nestas conversas surge o tema da corrupção do governo Temer, o MBL participaria de manifestações contra este governo? “No dia 21 pela manhã, uma segunda-feira, um participante perguntou: “O MBL vai participar do protesto este domingo?”, referindo-se a uma marcha contra a corrupção convocada por movimentos sociais e sites ligados à direita, que aconteceria no dia 27. Quinze minutos depois, Kim Kataquiri respondeu: “Não vamos (...)” (Abbud, 2017).

- BRESSER-PEREIRA, Luiz C. (2003), *Desenvolvimento e Crise no Brasil: História, Economia e Política de Getúlio Vargas a Lula*, São Paulo, Editora 34, 5a. ed.
- BRUM, Eliana (2017), “Gays e crianças como moeda eleitoral”, em *El País*. Dirección URL: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/18/opinion/1505755907_773105.html>.
- CALGARO, Fernanda (2013), “Brasileiros aprovam protestos, mas 93% rejeitam “black blocs”, diz pesquisa”, em *UOL notícias*, Brasil. Dirección URL: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/11/07/maioria-aprova-protestos-mas-93-dos-brasileiros-reprovam-black-blocks-diz-pesquisa.htm>>.
- COUTINHO, C. N. (2010), “A hegemonia da pequena política”, em Francisco de OLIVEIRA, Ruy BRAGA e Cibele Saliba RIZEK (organizadores), *Hegemonia às avessas: economia, política e cultura na era da servidão financeira*, São Paulo, Boitempo.
- FANG, Lee (2017), “Think Tanks: organizações por trás da guinada da direita na América Latina”, em *Brasil de Fato*, 14 de agosto. Dirección URL: <<https://www.brasildefato.com.br/2017/08/14/think-tanks-organizacoes-por-tras-da-guinada-da-direita-na-america-latina/>>.
- FERNANDES, Florestan (1973), *Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina*, Rio de Janeiro, Zahar.
- FIRMINO CASASANTA, Gustavo (2016), “Conservadorismo liberal e classes médias: uma análise do ‘Vem Pra Rua’ e do ‘Movimento Brasil Livre’”. Dirección URL: <http://www.canal6.com.br/x_sem2016/artigos/9A-05.pdf>.
- GRAMSCI, Antonio (1986), *Cuadernos de la Cárcel*, México, Era, 6 vols.
- MACHADO BARBOSA, Luana (2017), *Nacionalismo, não-violência e os novos atores engajados na política contenciosa brasileira: o caso do Movimento Brasil Livre (MBL)*, Rio Grande do Sul, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Dissertação de Mestrado.
- MARTÍN, Maria (2014), “Não é uma banda de indie-rock, é a vanguarda anti-Dilma”, em *El País*. Dirección URL: <https://brasil.elpais.com/brasil/2014/12/12/politica/1418403638_389650.html>.
- PAVÓN CUÉLLAR, David (2017), “Os jovens líderes da direita latino-americana: libertarianismo neofascista e interferência americana”, em *El Coyote*. Dirección URL: <<http://elcoyote.org/os-jovens-lideres-da-direita-latino-americano-libertarianismo-neofascista-e-interferencia-americana/>>.
- SILVA, Marcelo K., Matheus M. PEREIRA e Camila F. SILVA (2016), *As raízes do ativismo reacionário contemporâneo no Rio Grande do Sul: as manifestações públicas dos empresários e profissionais liberais gaúchos, 1970–2010*, 40 Encontro Anual da ANPOCS, Caxambú.
- SINGER, André (2009), “Raízes ideológicas do lulismo”, em *Novos Estudos*, São Paulo, CEBRAP, núm. 85.
- TELLES, Helcimara (2016), “A Direita Vai às Ruas: o antipetismo, a corrupção e

democracia nos protestos antigoverno”, em *Ponto e Vírgula*, São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), núm. 19, 1º semestre.

VIANA, Natália (2015), “A direita abraça a rede”, em *Audiência Pública*. Dirección URL: <<https://apublica.org/2015/06/a-direita-abraca-a-rede/>>.

WERNECK Vianna, L. J. (2006), *Esquerda brasileira e tradição republicana: estudos de conjuntura sobre a era FHC-Lula*, Rio de Janeiro, Editora Revan.

Documentos do Movimento Brasil Livre (MBL)

MOVIMENTO BRASIL LIVRE (2015a), “Manual de Filiais do MBL”, em *Scribd*. Dirección URL: <<http://pt.scribd.com/doc/277263728/manual-de-filiais-do-mbl>>.

MOVIMENTO BRASIL LIVRE (2015b), “Propostas aprovadas no Primeiro Congresso Nacional do Movimento Brasil Livre em novembro de 2015”, em *MBL*. Dirección URL: <<https://mbl.org.br/propostas/>>.

Recibido: 15 de noviembre de 2017

Aprobado: 5 de abril de 2018